

5. CARTA PARA A ELVIRA

Quando entrei na fraternidade em 1994, ouvia sempre falar sobre a Elvira. Precisava conhecê-la e sabia que um dia nos encontraríamos... E foi numa situação muito bonita que esse dia chegou. Era janeiro, tempo do Curso de Verão na PUC; eu havia escolhido a Oficina de Desenho naquele ano. Éramos cerca de quarenta pessoas e no início havia uma apresentação rápida entre nós que iríamos conviver por duas semanas naquele clima tão rico que o curso de verão propicia: acolhida, respeito, partilha, prazer do encontro... De repente ouvi: “Meu nome é Elvira, venho do Vale do Jequitinhonha e etc...” imediatamente pensei: “É ela!”.

No primeiro intervalo me aproximei e fiz algumas perguntas que ela me respondia um pouco tímida. Tratei de me apresentar logo apontando o elo comum que tínhamos dali pra frente: Irmão Carlos de Foucauld.

Que riqueza dobrada foi esse Curso de Verão; procurei não perder nem um minuto do tempo que nos foi dado para iniciar uma amizade. Convidei-a para ir a minha casa um dia após o curso e ela aceitou. Jantou conosco e ficou até a manhã seguinte quando voltamos para a PUC. Sobre quanta coisa falamos! Vida religiosa, vida inserida, a pobreza, a opção dela de morar numa região tão carente e sofrida. Falamos sobre nossa escolha na oficina do curso: desenho. Elvira era uma artista. Falamos de música (gregoriano, polifonias, Gelineau, os cantos das comunidades, Zé Vicente. Gravei para ela duas fitas com temas que ela pediu: Bach, Vivaldi, barroco em geral).

Para completar a alegria desse encontro, Nico e Maria deram uma chegadinha até em casa, como reis magos levando presentes para Elvira que recebia quase como uma menina.

Terminado o curso, selamos o compromisso de nos corresponder, o que aconteceu durante algum tempo. Como eu lamento hoje não ter sido mais disciplinada! Algum tempo depois, em setembro de 1999, Marieta, minha companheira de estrada, e eu fomos até o norte de Minas: Itaipé, Jenipapinho, Itaobim, onde passamos o 7 de Setembro com o “grito dos excluídos” preparado por Elvira, pelas irmãs e pelo Eugênio. Passado o feriado Elvira voltava para sua casa em Cachoeira do Pajeú – São Francisco e nos convidou para uma visita. E lá fomos nós para mais três dias de maravilhosa aventura em nome da Fraternidade. Era a descoberta de uma experiência totalmente nova para mim. A casa da Elvira era um pequeno santuário, a maior simplicidade possível com um toque singelo de extremo bom gosto. Jamais vou me esquecer de dois pontos: o banho tomado de um chuveiro feito com um regador de lata onde ela colocou a água quente e controlava-se o fluxo na hora do banho; e, sem dúvida, a melhor lembrança, a mais linda de todas, num final de corredor, a “capela”, tudo no chão, banquinho carmelita, a Bíblia, velas e almofadas. Na parede a cruz e uma foto do Irmão Carlos. Meu Deus! Jamais poderei descrever tão bem tudo o que vimos e recebemos. Na manhã seguinte fomos conhecer o local onde ela acolhia os peregrinos andarilhos pela BR, que sabiam poder encontrar ali um pouso, uma refeição, um banho, uma palavra, a palavra da Elvira, animadora, compreensiva, esperançosa. A última vez que estive com ela foi em janeiro de 2004, em Jundiapéba, no Encontro da Família. Também ali foi um encontro rápido, mas plenificado pela certeza do carinho que tínhamos em comum.

Receber a notícia de sua morte trágica foi mesmo uma dor muito grande, dor que vamos superando ao olhar para a riqueza que foi a presença de Elvira, que marcou e iluminou todos nós. E agora do céu, com certeza, continua nos acompanhando.

Maria Regina Alves Mariano